O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 35.º Sábado, 13 de Fevereiro de 1943 **N.º 1771**

VISADO PELA CENSURA

Quando as estatísticas falarem

Quando a paz voltar ao convívio dos homens e os campos de batalha receberem, de novo, o trabalho criador do arado, os técnicos agronómicos procederão, em jôgo com os números, à tarefa laboriosa dos mapas estatísticos.

Cada nação de per si, beligerante ou neutra, sujeita ou livre nêstes anos de guerra—será motivo de rigoroso estudo, como parcela de escolhido aprêço para o restabelecimento da balança económica internacional, que as contingências actuais desiquilibraram ao máximo.

Coligidas e arrumadas numa precisão matemática, essas notas fornecerão índices preciosos a novos estudos, êstes da competência primária de futuros congressos da especialidade.

Então, quando as estatísticas falarem, Portugal, há-de ser citado como exemplo de precisão e previsão no campo económico, durante o período anormal que se atravessa.

As medidas tomadas desde 39, no sentido de se debelar, dentro do possível, as dificuldades da economia nacional, afectada duramente pela deficiência de transportes e baixa do direito de permuta, essas medidas, postas em prática pelo Govêrno de Salazar, pesarão, de-certo, como *sólido valor absoluto*, nos mapas estatísticos.

Ainda recentemente o Ministério da Economia—a quem se deve a iniciativa da bemfazeja campanha—*Produzir e poupar* — nos deu franco exemplo disso, indo ao encontro dos orizicultores dispostos a não cultivar arroz no ano corrente ou a reduzir as áreas de cultura, por temerem que lhes venham a faltar combustíveis e adubos azotados.

Confiadamente, aquêle alto organismo do Estado afirma ao agricultor que «considera assegurado o fornecimento de combustíveis líquidos para a elevação das águas de rega e o do sulfato de amónio necessário à cultura do arroz».

Esta e outras medidas levam-nos a assegurar, portanto, que Portugal será citado, quando as estatísticas falarem, como o grande exemplo económico da guerra.

E os portugueses sentirão orgulho de haverem vivido dignamente a sua hora.

...Se as provas estão à vista!

IMPRENSA

A Ideia Livre

Para garantia do título, saíu no sábado pretérito, em Anadia, o n.º 639 do semanário republicano e defensor dos interêsses da Bairrada com o título da epígrafe. Diz esperar melhores condições de vida, que lhe permitam reerguer-se definitivamente e retomar a jornada que encetou, visto não ter morrido.

Realmente, ainda mexe...

Atenção para a 4.ª página

O TEMPO

Variou esta semana, chovendo na terça-feira.

Também esteve frio. Tudo, porém, nos quere parecer que é fruta dêste mês de Fevereiro, não havendo que estranhar.

Cumprimentos

Recebemo-los da nova Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta cidade, que tomou posse.

Agradecendo, bem como os votos que faz pelas prosperidades do *Democrata*, aqui lhe oferecemos o nosso modesto auxílio sempre que dêle careça.

NO CORREIO

Continua a notar-se, do lado da tarde, a falta de, pelo menos, mais um empregado, para atender o público. Ainda esta semana houve quem estivesse hora e meia à espera que lhe vendessem um postal e uma estampilha!

E' muito.

O funcionalismo

No *Diário do Govêrno* de terça-feira apareceu publicado o Estatuto Disciplinar dos Funcionários Civis do Estado, segundo o qual todos os indivíduos contratados ou nomeados temporàriamente para qualquer logar da Administração Pública ficam sujeitos às penalidades correspondentes às faltas que cometerem—inclusivé as atentatórias da moral social.

O documento abrange não só êsse como muitos outros aspectos nêle incluidos.

Juramento de bandeira

Os soldados da guarnição desta cidade prestaram, no domingo, o seu juramento de honra perante a bandeira da Pátria.

A cerimónia, em Cavalaria 5, teve logar do lado da manhã. A leitura dos deveres militares fê-la o sr. capitão Menezes e a alocução proferiu-a o sr. alferes Rebelo.

Depois houve alguns exercícios sportivos, terminando a festa ao som de várias marchas patrióticas cantadas pelo orfeão organizado para êsse fim.

* * *

A' tarde efectuou-se no *Estádio Mário Duarte* a festa de Infantaria 10.

Aí formou o regimento sob o comando do sr. major Melo Cabral, dirigindo a alocução aos soldados o sr. capitão Armindo Soares e fazendo a leitura dos deveres militares o sr. alferes Benigno.

Vários exercícios de ginástica completaram o programa, tendo assistido a ambas as paradas muitas centenas de pessoas, entre as quais bastantes pertencentes às famílias dos antigos recrutas, hoje soldados prontos.

Obras a executar

Vai principiar, dentro de algumas semanas, a construção, em cimento armado, da ponte da Gafanha, que será moldada nos mesmos princípios técnicos da de Angeja.

E' uma velha aspiração dos povos daquela vasta região ribeirinha, que muito beneficiará, assim como o turismo, quando os meios de comunicação se voltarem a intensificar, ou sêja depois que êste estado de coisas se normalize.

* * *

Também se vai dar início, no princípio da Primavera, à construção da vareante da estrada entre a Ponte do Paredão e a praia da Barra, de modo a estarem concluidos os trabalhos antes da época balnear.

Registamos êstes melhoramentos, que estão a cargo da Junta Autónoma de Estradas do Distrito, da proficiente direcção do sr. eng. Almeida Graça, com desvanecimento, muito estimando que se efectivem conforme nos foi comunicado e no mais curto espaço de tempo.

O AZEITE

Depois da escassez—a falta, o desaparecimento.

Não há azeite no mercado! Isto é: aparece, mas para 10, 12 e 15 escudos o litro!

Que providências se tomaram de modo a evitar o que se está passando?

O azeite é um produto de primeira necessidade e consta que muito existe armazenado nos lugares da produção. Porque não vem para a venda? Porque se deixou chegar à triste situação em que nos encontramos, quási sem gota dêle?

Eis as preguntas que saem de tôdas as bocas e nós reproduzimo-las a ver se alguém se mexe, se alguém tem compaixão do público consumidor.

Cartas a uma amiga de longe

Fevereiro, 1943

Minha-querida:

Li ontem uma pequena notícia que muito apreciei—que iam ser reconstruidos com materiais duráveis os pavilhões da Praça do Império.

Em frente ao majestoso convento dos Jerónimos, que outra coisa ficaria melhor do que êsses pavilhões grandiosos, o maior documento do nosso passado e da nossa espantosa acção colonizadora?

Era, na verdade, confrangedor, ver que o tempo ia roubando a pouco e pouco a imponência àquela Praça, que plantada à beira do Tejo, impressionava tão bem os que pelo mar chegavam a Lisboa. Assim, tu e os que estão longe e que não viram a Exposição do Mundo Português, poderão, um dia, ao visitar os pavilhões, fazer uma idéa do conjunto e do que teria sido aquêle certamen, o mais grandioso que se tem realizado em Portugal. Todo êle era tão harmónico, tão majestoso, tão belo, uma síntese tão bem idealizada do que nós fomos através dos oito séculos de vida e do que nós somos actualmente, que dava vontade, se fôsse possível, conservar intacta tôda a Exposição.

Nas salas dos pavilhões, admiràvelmente decoradas, empolgantes de beleza, estonteantes de policromia, lia-se, capítulo a capítulo, a História de Portugal, desde os primeiros tempos de nacionalidade. O esfôrço da raça estava por tôda a parte artìsticamente pôsto em evidência, por paineis, esculturas, mapas, legendas e tapeçarias. Quantos artistas se nos revelaram! Mas todo êste trabalho não foi efémero, graças à boa idéa de tornarem os pavilhões capazes de resistirem às inclemências do tempo e aos rigores das tempestades... Tal como eram, um dia lá iriam pelos ares.

Não sei se a Secção Colonial ainda existirá e a notícia que li não dizia se seria conservada também.

Era, como tudo, maravilhosa. Aquêles pedacinhos de todo o nosso império ultramarino davam-nos uma visão cheia de pitoresco e de encanto da Africa e do Oriente.

E as aldeias e os pavilhões da vida popular? Que animada cantiga do Minho ao Algarve!...

Que esplèndida e grande lição foi, para todos, a Exposição da Mundo Português!... Feliz idéa, pois, a de conservarem os seus imponentes pavilhões.

Um abraço da

Zèmi

VERGONHOSO

Não nos cançaremos de pedir providências para o estado de ruína em que se encontram alguns prédios da cidade, tornando-se cada vez mais urgente a sua demolição e reconstrução.

Compete à Câmara envidar todos os esforços a-fim-de satisfazer os anseios dos seus munícipes.

Os avarentos

Discreteando sôbre a sua psicologia, escreve um observador:

A riqueza dá ou não dá felicidade?

Não dá felicidade. Refiro-me à demasiada riqueza. Um homem demasiadamente rico é um desgraçado. As suas preocupações são tremendas. O seu mal estar é, por vezes, insuportável. Só a mediania dá felicidade. Os antigos quando esteriotiparam essa circunstância na frase latina: *in medio virtus* (a Virtude está no meio têrmo) tinham, como sempre, razão. O homem demasiadamente rico, não dorme a pensar no seu muito dinheiro, mais do que o miserável a pensar e a sentir a *tragédia* da sua miséria. O miserável acaba por se conformar com a sua desgraça. O homem muito rico nunca se conforma com o que tem, e quere sempre mais. E' um pôço sem fundo de ambições. Quanto mais dinheiro lhe entra nos cofres, mais deseja. O homem de mediana fortuna, êsse sim, é tão feliz quanto é possível ser-se feliz nêste mundo. Tem o que lhe basta e com essa mediania se satisfaz.

Verdade, verdadinha. Tal qual. E' assim mesmo.

Visitai o Parque da Cidade

ESTUDOS REGIONAIS

História da terra aveirense

Geologia do Quaternário

pelo dr. Alberto Souto

XVIII

Haja ou não haja *eólitos*, sejam ou não verdadeiras algumas das pedras com sinais de uma possível utilização pelo Homem que como tal têm sido classificadas, o que é certo é que as primeiras actividades conscientes do ser animal que tomou a forma humana, estão documentadas por instrumentos de pedra. E' bem provável que outro material tenha sido utilizado e adaptado pelo ser humano nos primordios do exercício das suas faculdades de aumentar pelo artifício o seu poder físico. E' bem possível que a madeira—galhos, ramos, cavacos, bordões, raízes, folhas e caules longiformes, bem como ossos, espinhas, peles animais, tenham sido aproveitadas, mas de tal aproveitamento, como é natural, não restam vestígios. Êsses vestígios aparecem, sim, mas de épocas muito mais recentes.

As indústrias da pedra é que marcam indubitàvelmente os ensaios e esforços do Homem para se auxiliar com utensílios na luta pela vida e na expansão progressiva das suas capacidades industriosas. Os instrumentos liticos, são pois, os mais antigos documentos da história das manifestações conscientes da Humanidade. Porém, se fizessemos a história humana nessa remotíssima e obscura fase que convencionalmente se designa por *Pre-história*, sòmente pelos utensílios de pedra que o acaso ou o rebusco nos fornecem, nós fariamos uma história no espaço e o Homem primitivo não viveu no espaço mas na terra, adaptando-se sempre às condições do meio, lutando contra os elementos ou desenvolvendo-se à sua custa. A Pre-história, como afinal a própria História, carece do conhecimento do meio geográfico para localizar a actividade humana no seu devido cenário e para compreender e explicar os acontecimentos.

A geografia, ao contrário do que alguns autores pensaram, não escravisa em absoluto o Homem porque êste age e reage maravilhosamente no ambiente, a despeito dêle ou contra êle.

E age e reage numa proporção e velocidade em que certamente excede todos os seres vivos menos conscientes ou meramente instintivos.

A geografia não produz um fatalismo tal que condicione e subjugue totalmente a História. Isto é—a doutrina do fatalismo geográfico não é exacta. Mas a geografia exerce sôbre a história uma influência tal que eu, estudando há anos o assunto com certa atenção, concluí haver um verdadeiro conformismo entre a Terra e o Homem, entre o habitante e o meio, entre a geografia e a história, conformismo que pode exprimir-se por um binário de fôrças em que a história do povo seja a bissectriz do ângulo formado pelas aptidões, condições e energias da *terra* e pelas qualidades e energias da *raça*.

A idea consta de uma conferência escrita que nunca li em público e de um estudo escrito há 25 anos que nunca publiquei.

A expressão da idea pode ter algo de próprio nessa minha teoria do conformismo geo-histórico oposta ao chamado fatalismo geográfico, mas o assunto está tratado por grandes espíritos e tem sido versado em numerosos trabalhos ao alcance de todos.

Para fazermos pre-história, ia eu dizendo, não basta, pois, obtermos, conhecermos e classificarmos instrumentos de pedra; é indispensável localizarmos as indústrias, isto é, averiguarmos o local em que se exerceu a acção industriosa do Homem sôbre a pedra. E não basta essa localização material, terrena, geogáfica, mas é indispensável cronografarmos o evento e o achado, isto é, determinarmos a época, o tempo, a altura da idade da terra em que tal evento se deu ou em que foi feito ou utilizado o instrumento, o utensílio, o artefacto.

E aqui surgem, também, as mais assoberbantes dificuldades. São sempre, na nossa frente, atraindo-nos e embaraçando-nos, seduzindo-nos e barrando-nos o caminho, os eternos enigmas e os desesperantes problemas!

Vimos que os chamados eólitos ou pseudo-eólitos de Carlos Ribeiro, apareciam na região de Ota e no vale do Tejo, em terrenos terciários. As dúvidas levantadas e as discordâncias manifestadas eram e são de dois aspectos: sôbre a autenticidade humana das formas das pedras e sôbre a idade dos terrenos. Foram utilizadas pelo Homem essas pedras? e quando?

Encontrámos num terreno qualquer um instrumento de pedra lascada. E' indubitàvelmente um *instrumento?* se é, de que idade geológica é o terreno em que êle se encontra e donde provem êle?

E' próprio dêsse terreno e achou-se nêle inveterado, isto é, o terreno que o envolve é de formação posterior à sua feitura ou o instrumento veio de longe e encontra-se simplesmente *deixado*, perdido, colocado no terreno em que o achamos? Em que altura do tempo, referido êste à história da terra e à história do desenvolvimento antropológico, foi êsse instrumento fabricado e empregado pelo Homem?

Que fenómenos climatéricos e que fenómenos geográficos, que animais e que vegetais, existiam ao tempo na região ou no país do achado? quais os caracteres do homem que fabricou ou utilizou êsse instrumento, qual a sua raça, quais as suas condições de viver, quais as suas ideas, práticas, intenções?

São os alvores da Pre-história, são os alvores da Humanidade, trevas que mal se desfazem pelo tímido clarão que se ergue no oriente da vida humana!...

Veremos o que se pensa hoje sôbre a cronologia dos primordios das indústrias líticas e sôbre os fenómenos e aspectos da terra ao tempo em que o Homem primitivo ensaiava os primeiros passos da verdadeira Humanidade.

O 13 de Fevereiro

Faz hoje vinte e quatro anos que os inimigos do regimen, depois de tentarem a restauração da monarquia em diversos pontos do país, foram sacudidos da capital do norte, onde voltou a flutuar a bandeira verde-rubra da República.

Aveiro, que partilhou dos acontecimentos dessa época, detendo a marcha dos rebeldes que se dirigiam para o sul, recorda as horas febris e de ansiedade que então se passaram e o esfôrço de quantos defenderam as instituições republicanas, batendo-se com galhardia nas margens do Vouga.

Entre os que se esforçaram por libertar o Pôrto da tutela monárquica, salientamos o então alferes Brito, a quem nêste dia abraçamos efusivamente.

Feira de Março

Prosseguem os trabalhos do abarracamento, constando-nos que é elevado o número de lanços pedidos.

A vêr vamos.

As novas moedas

Entraram já em circulação, tendo para nós o defeito de serem minúsculas demais.

Quási se perdem entre os dêdos.

Já cantam os passarinhos

—o—

Começa a alegrar-se a natureza por a aproximação da Primavera. Quem dera que ela chegue! Os passarinhos já cantam e o Sol tem mais brilho e é mais quente, imprimindo outra vida à humanidade.

Bem precisa ela de respirar, de espairecer, de adquirir fôrça e energia que lhe elevem o espírito.

Para o afastar de tristezas.

Crónica alfacinha

Rapazes da moda

Os meninos da moda, ou sejam os meninos *swings*, porque o *swing* é a febre que agora os atacou como até aqui os tinha atacado a febre de imitarem os galãs de cinema, esquecera-se por completo das mais elementares regras da boa educação.

Antigamente, um homem caprichava por ser delicado e atencioso com as senhoras; hoje, seja estudante ou médico, seja empregado modesto ou funcionário superior, desde que ande à moda ambiciona o contrário e assim, aproxima-se pela primeira vez duma senhora e trata-a desde logo por *você*, essa palavra tão chique que os novos-ricos trouxeram do Brasil e que no nosso país foi sempre termo de plutocracia e não de aristocracia.

Depois quer a mulher seja culta e educada, quer não (êles desconhecem ou não se preocupam com isso) é o calão bruto e pesado que lhe atiram à cara como se falassem a um camarada íntimo...

Seus olhos não se cançam de investigar, apalpar e reapalpar as formas do corpo dela, que às vezes não foge imediatamente por vergonha.

Se é com uma senhora com quem já tenham uma certa familiaridade então afluem-lhe aos lábios as frazes mais ridículas e enervantes, as declarações cheias de expressões tais que forçosamente ela tem de corar ao ouvir.

—*Você é bestial! Você é mesmo boa*, etc., etc.

Quantos são os rapazes modernos dentro e fora de Lisboa, porque aqui não deve ser uma excepção, que sabem respeitar uma mulher? Conhecer a educada e honesta da vulgar para quem tudo isto é muito agradável?

Onde estão as maneiras cavalheirescas dos nossos meninos de hoje? Onde as tradições nobres de nossos antepassados?

E afinal são êstes mesmos que apregoam aos quatro ventos que a mulher dos nossos dias está desmoralizada!

São êles que a querem levantar com o exemplo da sua moral?

O homem de sentimentos e o que se presa dêsse nome, protege a mulher seja ela qual fôr, não a ofende.

Como em breve deixaria de haver tanta miséria social se os nossos rapazes procedessem com mais brio, se dessem ao respeito e respeitassem. Por certo êles não gostam que lhes façam o mesmo às irmãs ou às noivas.

Vão então, depois, dizer aos amigos entre gargalhadas e em plena rua: *F... é bestialmente boa!*

Entre cem rapazes do nosso século encontramos, quando muito, cinco que se possam chamar verdadeiramente—rapazes.

Lisboa, 9-2-943

de Palermo

SPORT CLUB VIANENSE

Desta importante colectividade de Viana do Castelo recebemos cumprimentos dos novos corpos gerentes ùltimamente eleitos e após a sua posse. Reconhecidos pela deferência, arquivamos os seus nomes pela garantia que oferecem à nossa velha amizade.

ASSEMBLEIA GERAL

Dr. José Barbosa, Manuel da Costa Fanfarra e Alberto Rodrigues da Silva.

DIRECÇÃO

Presidente, eng. Jaime Martins; *vice-presidente*, capitão Manuel José Leite Braga; *1.º secretário*, Sebastião Artur Ribeiro Dantas; *2.º*, Amândio Gonçalves Sêna Freirinha; *tesoureiro*, António Lourenço dos Santos; *vogais*, dr. António Feio Ribeiro da Silva, Frederico Adalberto Pinheiro, dr. Manuel Lourenço dos Santos e tenente Eduardo Francisco.

SUPLENTES

João Magalhães Monteiro, Adriano Azevedo Furtado Mendonça, Abel Veríssimo de Barros e Mário da Silva Dias.

CONSELHO FISCAL

Dr. Adelino Xavier Castelo, dr. João Valença e João Alves Cerqueira.

A mulher no emprêgo

Eis um artigo de palpitante interesse, focado na *Tribuna Feminina* do nosso colega *Gazeta de Coimbra* pela sua colaboradora Maria Anjos:

Vai pela imprensa da capital uma celeuma medonha em volta da mulher que tem emprêgo, público ou particular e que, dêsse modo não pode ser, ao que se diz, boa mãe, boa esposa e muito menos excelente dona de casa.

Afirmam uns que sim, dizem outros que não.

Ora entendo eu que se tem abusado excessivamente do recrutamento da mulher para certas funções e melhor seria que ela retomasse, duma maneira geral, aquêle lugar de onde nunca devia ter saido—o trono altíssimo e belo do lar.

Afastar a mulher da sua verdadeira função de procriar, amparar e educar, trás à sociedade prejuízos tão graves que a cada instante, por tôda a parte, se observam com uma regularidade que chega a ser irregular.

Uma das causas do desemprêgo com que lutam muitos homens, alguns dêles com cursos superiores, filia-se indubitàvelmente na invasão, melhor direi, na intensão, que a mulher faz em tôdas as profissões, artes e ofícios.

Mas se fôsse só êste o mal!...

Casas sem rei nem roque, lares em desalinho, filhos criados ao abandono, e futuros homens e mulheres mal conhecendo os seus progenitores, são um resultado certo e incontestado do abuso, irreverente abuso, com que a mulher invade esferas de acção que lhe deviam estar vedadas.

Suporta-se ou admite-se que uma mulher sáia de casa para prover ao seu sustento, se ela é viúva, ou órfã de pai e mãe, e tem, por isso, imperiosa necessidade de abandonar a sua casa para sustentar-se, embora possa, em muitos casos, dentro de suas portas, arranjar mil e uma maneiras de ganhar a vida honestamente.

Mas o que de modo algum tolero, e até reprovo em absoluto, é que senhoras casadas caminhem todos os dias para a rua em direcção a um emprêgo que muitas vezes serve apenas de pretexto para uma passeata, regular e metódica, cuja compensação monetária ou se emprega num luxo descabido, numas vezes; e não chega, noutras, para o arranjo do calçado estragado.

Não me venham objectar que elas, dêsse modo, procuram ajudar os maridos que ganhem menos do que o suficiente para o regular sustento dos dois. Essa objecção cai pela base, cai redonda, desde que as mulheres deixem as funções em que se ocupem, facto êste que necessàriamente e imperiosamente trará como conseqüência imediata um maior salário, ou ordenado, a todo o indivíduo masculino que trabalha.

Ganha pouco o homem justamente porque a mulher-homem lhe faz concorrência, barra-lhe tôdas as entradas e avilta o preço dos seus serviços. Peça-se antes ao patrão ou à entidade que paga uma melhor retribuïção do esfôrço manual ou intelectual, que observe mais cuidadosamente as necessidades do homem casado, que melhor palpite os encargos do casal com filhos, e teremos de certo modo contribuido para uma sociedade mais perfeita.

E depois, em muitos casos, resta ainda saber se a mulher empregada vai buscar salário ou vencimento que devidamente a compense da despeza que a mais faz com o govêrno de sua casa, necessàriamente entregue aos cuidados das criadas nem sempre escrupulosas, das governantes que bem-mal lhe educarão os filhos e das pessoas encarregadas de zelar pela segurança e compostura das meninas crescidas entregues aos cuidados de *matronas* nem sempre indicadas para tão difíceis e complicados problemas.

Bem fazia a Companhia dos Telefones de Lisboa não consentir nos seus serviços senhoras casadas, e bem acertadamente procedia ela, mandando para junto dos maridos tôdas as mulheres que casavam. Porque, *quem muitos burrinhos toca alguns vai deixando para trás*, e a mulher casada ou há-de ter pronta e a horas a refeição para o marido e filhos, ou dedicar-se de corpo e alma ao serviço que remunera sabe Deus com que miserável paga algumas vezes...

E' necessário liquidar-se, duma vez para sempre, êste caso, êste caso de boa e sã moral, fazendo recolher ao lar a mulher casada que até hoje tem andado a tomar o lugar do homem, a fazer lhe concorrência, a baixar-lhe o valor do seu esfôrço e a facilitar uma desorganização social cada vez mais notável dentro e fora das nossas fronteiras.

Com maridos generosamente pagos não há necessidade alguma que a mulher casada continue a ser empregada em uma função, qualquer que ela seja.

Temos acompanhado as várias opiniões manifestadas sôbre o assunto pelo que nos julgamos habilitados a concordar, sem discrepância, com a ilustre colaboradora do colega conimbricense.

Mesmo porque sempre ouvimos dizer que *o marido é para o ganhar e a mulher para governar...*

Constitue mesmo, êste, um dos princípios da mais sã moral dentro duma casa.

Livros

Edições *Sirius* deu-nos mais um volume de prosa, reunindo *Um caso de consciência* e *A tortura da carne*, do escritor russo Leão Tolstoi.

Principalmente *A tortura da carne* constitue um episódio da vida real, que pode hoje não ser freqüente, mas era-o na época romântica em que Tolstoi o descreve.

Como se trata dum caso de amor, o desfecho trágico faz-nos lembrar aquêle verso muito conhecido:

Se êle há tanta mulher!
Mas porque fantasia
Entre tantas, só uma a nossa simpatia
Distingue, escolhe e quer?

Agradecemos a oferta.

Carta de Lisboa

Contra os especuladores

A acção das autoridades contra os especuladores e todos quantos aproveitando as circunstâncias anormais da guerra, pretendem alcançar lucros fabulosos e lesivos da economia pública, tem sido de molde a merecer os maiores e mais incondicionais aplausos e elogios.

Estamos, felizmente, bem longe dos dias da guerra de 1914-18 em que, porque em tanto se consentiu, foi possível realizar os mais espantosos e imorais negócios, amealhar as mais incríveis e fabulosas fortunas, feitas tôdas à custa da exploração do povo. Hoje, felizmente, desapareceu, quási completamente, aquele clássico tipo do açambarcador que tanto e tão graves prejuizos causou. E o especulador, que ainda, de quando em vez, pretende aparecer e fazer das suas, é hoje metido na ordem.

É claro: a diferença está em que, actualmente, zelando pelo interêsse público está a Organização Corporativa, enquanto que, em 1914-18, havia a mais completa e desenfreada desorganização social.

No final — não pouco mudaram os tempos, e com os tempos também, e felizmente, os sistemas.

A eloqüência dos números

Foi há pouco inaugurada na vila de Redondo mais uma Casa do Povo. Ao acto presidiu o sr. dr. Trigo de Negreiros, ilustre Sub-Secretário de Estado das Corporações. No discurso que então pronunciou, aquele homem público afirmou:

«O Govêrno espera que, dentro em pouco, nenhum trabalhador rural deixará de ter auxílio bastante na doença e na invalidez.»

E depois, para melhor ilustrar as suas afirmações, o sr. dr. Trigo de Negreiros citou números.

E assim mostrou que, enquanto em 1941 se dispendeu em auxílio social aos filiados das Casas do Povo 2.645 contos, em 1942 essa verba já subiu a 8.410 contos.

Depois do que aí fica, parece-nos que todos os comentários são desnecessários e fora de propósito. Os números chegam e bem, na sua expressiva eloqüência.

Jorge de Castilho

A notícia da morte do comandante Jorge de Castilho foi recebida em Lisboa com a maior emoção. Jorge de Castilho era um autêntico valor nacional, a quem o país muito e muito fica devendo. A sua acção em prol do desenvolvimento da aviação portuguesa é das mais beneméritas, como digna de apreço é a sua obra como colonialista ilustre.

CORDEIRO GOMES

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Júlio Costa Júnior, do Pôrto, e os meninos Jorge Manuel e Fernando, filhos do nosso amigo Manuel Mano, empregado superior dos correios em Lourenço Marques (Africa Oriental); àmanhã, o sr. Carlos Mendes, proprietário do Jardim das Modas; no dia 16, o sr. Américo Ramalho, de Esgueira; em 17, a sr.ª D. Maria Marques Rodrigues e Morgado, professora oficial; o nosso amigo Ramiro Dias e o inocente Marly, filho do sr. Francisco dos Santos Silva, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); em 18, a sr.ª D. Idalina Branca Pinto da Silva, esposa do sr. Antero Monteiro da Silva, residente no Pôrto, e em 19, a sr.ª D. Maria Estela Pereira Ferreira, esposa do sr. Carlos Ferreira, comerciante em Viseu, e o sr. Manuel da Silva, industrial em Lisboa.

Casamentos

Em Ovar efectuou-se, no domingo, o enlace da sr.ª D. Zairina dos Mártires Pires Franco, gentil filha do sr. tenente Ernesto Franco, com o nosso conterrâneo Fausto Martins Lima, funcionário de Finanças na capital.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios, a sr.ª D. Rosa Maria Gomes Veiga de Pinho e o sr. José Rodrigues Pinho, adjunto do Director Geral das Contribuições e Impostos, e pelo noivo, também seu tio o sr. Alvaro da Rosa Lima, 1.º oficial do ministério da Marinha, aposentado, e a sr.ª D. Margarida Vilar.

A cerimónia, revestida de grande solenidade, foi celebrada na capela de N. S.ª da Graça, pelo rev.º Boaventura de Matos que proferiu, no final, uma alocução apropriada.

Entre a assistência viam-se as sr.as D. Maria de Pinho, D. Margarida Coentro, D. Maria Coentro, D. Rosa Coentro, D. Deolinda Franco, D. Maria Ré, D. Ester Lima, D. Fernanda Franco Castelo e os srs. tenente-coronel Aníbal Franco, António Coentro de Pinho, Tomaz de Almeida Franco e esposa, Jaime Martins Lima e esposa, Artur José Pinto Júnior e esposa, Angelo Martins Lima, Joaquim da Paula Graça, Francisco Gonzalez, etc.

Após o habitual copo de água, servido em casa dos pais da noiva, os recem-casados, a quem foram oferecidas numerosas prendas, partiram para Braga em viagem de núpcias.

Desejamos-lhes as maiores venturas, como são merecedores.

—Foi pedida para o sr. Américo Ferreira Gomes Teixeira, filho do industrial sr. Américo Carlos Gomes Teixeira, gerente da Fábrica de Lixa Lusostela, a mão da sr.ª D. Maria de Lourdes Gomes Teixeira, filha do sr. tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira.

O enlace realiza-se no próximo verão.

Doentes

Já há dias que se encontra de cama, por se terem agravado os seus padecimentos do estômago, a sr.ª D. Júlia Trancoso, irmã da sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães.

—Em Ovar já se levanta o nosso conterrâneo sr. Ricardo Mieiro, que tem obtido sensíveis melhoras.

A' MARGEM DA GUERRA

CHURCHILL E O GENERAL MARSHALL DEPOIS DE INSPECCIONAREM UMA DIVISÃO MOTORISADA, CONFERENCIAM SOBRE A SEGUNDA FRENTE

PEIXE

—o—

Era tanto, tão abundante no nosso mercado, que parecia que nunca acabava.

E então a variedade!

Desde a sardinha às boas postas de corvina, com outras espécies à mistura, era um regalo só olhar para êle!

Chegava para nós e para os de fora.

Pois hoje olha-se em volta e nada. O peixe nada... pelo largo, não se dignando honrar-nos com a sua comparência à mesa...

Bem se diz que não há fartura que não dê em fome...

Visitai o Parque

Bom local para Café-Restaurante

Aluga-se casa apropriada na Avenida Central, próximo à estação. Tratar na mesma com António Marques Frias.

Casa Vende-se em Ilhavo, na Rua João de Deus, onde funcionaram os serviços dos C. T. T. Falar com D. Joana Rosa Malaquias Pereira, Rua da Liberdade—Aveiro.

NECROLOGIA

No Hospital finou-se ante-ontem, com 82 anos, a sr.ª D. Maria da Ascenção Santos, que há muito tinha enviuvado.

O cadáver da extinta foi depositado na igreja de Santo António, de onde se realizou o entêrro para o cemitério central.

A sua filha, sr.ª D. Rosa Ferreira dos Santos, e demais família as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Júlio de Almeida, viuvo, de 92 anos, e Aurora Dias Limas, solteira, de 78; em *S. Bernardo*, Celeste Ferreira da Costa Ramos, de 34, casada com Diamantino Ramos, e na *Quinta do Picado*, Maria de Jesus Balseira, solteira, de 20, filha de Manuel Gonçalves Madail, e João Simões Maio, casado, de 65.

Aluga-se um prédio na Rua Mendes Leite, de 3 andares, acabado de reconstruir. Tem ótimas divisões com água e o rez-do-chão e serve para estabelecimento e habitação.

Dirigir a Manuel Alves Dias, Rua Viana do Castelo—Aveiro.

Casa Vende-se, com r/ch. e 1.º andar no lugar de Mataduços, freguesia de Esgueira. Pertenceu ao falecido João Simões Instrumento.

Tratar com Abel Gonçalves, em Esgueira, ou João Joaquim de Oliveira, residente em Lisboa, Costa do Castelo, n.º 67, s/cave.

Companhia Aveirense de Moagens
S. A. R. L.
AVEIRO

Assembleia Geral

Em conformidade com os artigos 32.º e 33.º do nosso Estatuto, convoco os Senhores Accionistas a reünirem-se em sessão ordinária, no dia 27 do corrente, pelas 15 horas, no escritório da Companhia, sendo a ordem dos trabalhos:

1.º—Deliberar sôbre o Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal;

2.º—Tratar de qualquer assunto de interêsse social.

Aveiro, 8 de Fevereiro de 1943

O Presidente da Assembleia Geral,

a) *José Pereira Tavares*

Teatro Aveirense
CINEMA SONORO

Sábado, 13 (às 21 horas) e Domingo, 14 de Fevereiro de 1943 (ás 15,30 e 21 horas)

O Vale era verde...

Realização genial de John Ford

Quinta-feira, 18 (às 21 horas)

Compra-se um marido

Deliciosa comédia da *Metro*

BREVEMENTE:

O novo filme português
Aniki-Bóbó ou
A Loja das Tentações

Bom prédio

Vende-se, por motivo de retirada, em frente à Estação do C. de Ferro, com frontaria em azulejo, grandes armazens anexos, quintal, poço e um terreno próximo com 3.600^{m2}, em conjunto ou separadamente.

Falar com C. Madail.

CASA

Vende-se na Rua do Gravito e que tem o n.º 5. Tratar no n.º 8 da mesma rua.

"O Horto Esgueirense,,
(Junto à cabine eléctrica)

Nesta casa encontra V. Ex.ª grande variedade de plantas, incluindo o que há de mais recente em roseiras.

Encarrega-se da formação de jardins, tem à venda flores, e nas suas transacções existe a maior seriedade o que se prova com documentos. Isto para evitar abusos que se têm dado com certos revendedores.

O Jardineiro
José Ferreira da Silva

PROPRIEDADES

Vende-se a casa térrea da Rua do Carril, pegada à dos srs. Alberto Vaz Pinto e João Maio; a terra lavradia sita nos Andoeiros e que confronta com a viela dos Andoeiros, sul com Manuel Bela e poente com Tereza Marques; e mais duas também lavradias, sitas no Viso, freguesia de Esgueira.

Tratar com Abel Gonçalves e Albano da Conceição.

Vendem-se dois terrenos no Canal de S. Roque, sendo um junto da *Refinação do Sal* e outro próximo da *Cerâmica Aveirense*, com frentes para a linha da C. P. e V. do Vouga. Nesta Redacção se informa.

Parteira diplomada
Alcinda Machado
PARTOS E TRATAMENTOS
— Rua da Manutenção Militar, 13 —
COIMBRA—Telefone 3.130

Quintinha

Compra-se com casa, com comodidades, nesta região ou próxima.

Dirigir a *Pimentas & C.ª L.da*, Rua do Almada, 167-1.º—Porto.

Visitai o Parque da Cidade

Atenção

Encontra-se nesta cidade um dos melhores afinadores de pianos e órgãos do país, fazendo pequenas ou grandes reparações tanto em pianos como harmónius; especialisado em órgãos de tubos. Afina pelos dois métodos: francês e alemão.

Recebem-se convites no estabelecimento de Oliveira Sérgio, Filhos, Avenida Central.

Atenção para a 4.ª página

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Correspondências

Aradas, 10

Quis a Direcção da Casa do Povo, desta freguesia, dignar-se fazer *um esclarecimento* à notícia que fizemos inserir no penúltimo número dêste jornal.

Só para evitar confusões e atitudes mal compreendidas, queremos dar uma explicação ilucidativa aos nossos leitores, prometendo, no entanto, não voltar ao assunto.

1.º)—Não dissemos que *as quotas foram fixadas arbitràriamente*, como se diz no *Esclarecimento;* o que escrevemos foi isto: *os seus orientadores* (da Casa do Povo), *talvez se tivessem precipitado um pouco na sua aplicação.*

E não é isto destituido de fundamento, porquanto algumas delas já foram reduzidas e outras anuladas.

2.º)—Diz a Direcção que *as cotas são proporcionadas às necessidades do organismo da realização de proveitosa acção social.*

Na nossa despretenciosa maneira de ver, a Direcção assegurava-se primeiramente das possibilidades reais de cada contribuinte (pois o facto de muitos indivíduos possuirem um regular rendimento colectável não exclui a possibilidade de, pelos seus encargos familiares, serem, muitas vezes, verdadeiros pobres) e seguidamente aplicava as cotas.

E baseados ainda nas instruções do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência que dizem que *... é necessário que a Direcção da Casa do Povo, com o maior cuidado e critério, examine, caso por caso, a situação económica de cada proprietário rural e de cada produtor agricola da freguesia...*, ficavam aptos a colectarem os contribuintes, amoldando por fim à receita prevista os benefícios a conceder.

3.º)—Quanto à última parte do *Esclarecimento*, que nada tem que ver com o que dissemos, o nosso maior desejo é que os orientadores daquele tão útil organismo consigam pôr integralmente em prática o programa que apresentam.

E para isso, podem contar com o nosso apoio.

P.

Esgueira, 10

A Casa do Povo, que já está a funcionar desde o princípio do mês, na antiga sede do *Recreio Musical Esgueirense*, tem os seus corpos gerentes assim constituidos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Jorge Marques; *secretários*, Américo Ramalho e Serafim Rodrigues Mieiro.

DIRECÇÃO

Presidente, Francisco Marques Pitarma; *tesoureiro*, Joaquim Alves Moreira e *secretário*, Damião Cunha.

A cotização, fixada pelos dirigentes dêste organismo corporativo, foi o mínimo que se pode aplicar, não havendo, por isso, motivo a reclamações por parte dos contribuintes.

—Estranham os nossos merceeiros que, tendo chegado a essa cidade grande quantidade de artigos gordurosos, não fossem distribuidos pelas lojas de Esgueira, visto também pagarem contribuïções e terem os seus clientes para servir.

Sôbre o assunto nada podemos dizer. No entanto os lesados que reclamem a quem de direito.

—Com 75 anos deixou de existir o sr. Manuel de Bastos, pai do sr. Francisco Bastos, sub-chefe da P. S. P. e sogro do sr. Luiz José Rodrigues.

O entêrro do simpático vèlhinho, que há muito tinha enviuvado, realizou-se com grande acompanhamento e com larga representação do elemento policial.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

—Faz anos, no dia 16 do corrente, o nosso amigo Américo Capela, que, como de costume, reünirá os seus colegas da confraria *Os Folhetas* a-fim-de festejarem a data.

Antecipadamente o felicitamos.

C.

Costa do Valado, 11

Anuncia-se para domingo nove espectáculo pelo grupo dramático Mocidade Invencível, da Granja da Oliveirinha, com números hilariantes de variedades.

Como agradou da primeira vez, presume-se que tenha casa cheia.

C.

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Por êste Juizo—1.ª Secção—Cristo—correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação dêste anúncio, citando os crèdores desconhecidos para no praso de 10 dias, decorrido o praso dos éditos, virem deduzir os seus direitos, na acção sumária, em execução de sentença que Manuel Rodrigues Larangeira, casado, industrial, de Taboeira move contra o executado Franklim Nunes de Bastos, solteiro, moço de padeiro, morador em Moscovide, concelho de Loure.

Aveiro, 3 de Fevereiro de 1943

Verifiquei.

O Juiz de Direito
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção
Júlio Homem de Carvalho Cristo

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.